



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

VALORES DIFERENTES

▼ Por LAURA CHAVES ▼

Entre a jarra do Japão
e uma caixinha de prata,
uma outra de cartão,
feia, pobre e timorata,

vivia muito vexada,
ralada da sua vida,
sentindo-se deslocada
no grande luxo, vendida.

A caixa rica e a jarra
olhavam-na sobranceiras
achando-a estranha, bizarra,
de acanhadinhas maneiras.

Feita dum cartão bem feito,
tinha uma triste aparência.
Ficava mal nêsse meio
que era de grande opulência.



Como elas a maltratavam!
Nem lhe davam os bons dias!
Quando da pobre falavam
crivavam-na de ironias.

Mas que culpa tinha ela
de ter a tampa encarnada
com uma borda amarela
e estar já amachucada!

A's vezes pensava assim:
«Lá que isso é raro, isso é!
Porque me põem a mim
que sou pobre, da ralé,

junto da fidalgaria,
de coisas de rico amanho?...»
e cismava noite e dia
nêsse seu destino estranho.

A dona daquilo tudo
era uma boa velhinha
com ar infeliz, sisudo,
e uma cara desfeitinha



de quem vive triste e só.
nem se calcula o carinho
com que ela limpava o pó
da caixa, do monstrozinho.

Dizia a jarra:—Que louca!
a cabeça não regula!
—A velha está taramouca—
respondia a outra, fula!

—E por acinte, é capricho!...
não se faz isto a ninguém!
Devia deitá-la ao lixo
que era onde ela estava bem.

Mas como as não entendia
a velhinha continuava.
Té parece que sorria
quando na caixa pegava.



Pensava esta, comovida:
«Chorar não posso—que ideia!—
porque fico amolecida
e ainda muito mais feia»

Numa noite de trovões,
de ventania a soprar,
em casa, entraram ladrões
para a velhinha roubar.

Essa quadrilha pirata
a tudo deitou a garra:
marchou a caixa de prata
mais a preciosa jarra.

A caixa feia, a pobrinha,
que do caso dera fé,
sentiu que na cabecinha
a tampa se punha em pé.

— Vão roubar-me, isso é que vão!
diz ela, porque tal julga,
e tem o seu coreção
mas pequeno que uma pulga.

CRONICA INFANTIL

O PRESENTE de ANOS

À LIZETE

POR MARIO AZENHA

Um relógio!

No dia dos seus anos o papá presenteára-o com um relógio. Fora para ele o dia de juízo. Que alvorço! Louco de contentamento, o nosso garoto delirava. A alegria transformava-o; não cabia dentro de si — e era pequena a casa toda para contê-la!

Os seus transportes careciam ruído, movimento, luz, expansão, e produziam nos seus nervos em tumulto um efeito dum *buscapé* num arraçal.

Era necessário clamar ao mundo a novidade; era necessário que se fizesse ouvir por todos os lados um carrilhão que reboasse a grande nova; era necessário que toda a gente soubesse que aquêlê migalho de gente tinha um relógio — um relógio que marcava o tempo, que fazia *tic-tac*, e era em tudo igual aos relógios das pessoas grandes...

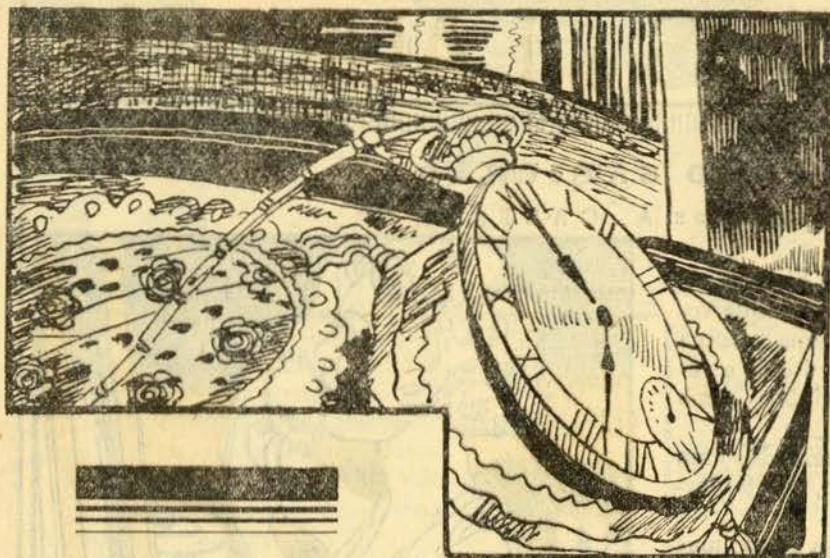
Era pequena a casa toda para conter sua alegria, e ei-lo que sai. Rua abaixo, a cada conhecido ou desconhecido que adregasse de passar por êle, aquilo era matemático, sacava do relógio. E, muito senhor da sua importância — (engraçado o garoto!) — detinha-se, desvanecido, ora a olhar o mostrador, ora a olhar as pessoas como a dizer-lhes, todo empertigado e ancho: — «Vejam bem... também eu tenho um relógio!» E, sem descompôr-se, completava a cena, levando a pequenina maquina ao ouvido como a certificar-se do seu funcionamento.

Relógio na mão, relógio na algibeira, era necessário que todo o mundo soubesse que o meudo que queria ser gente, tinha um relógio — um relógio que marcava o tempo, que fazia *tic-tac* e era em tudo igual aos relógios das pessoas grandes...

Em dado instante, o nosso heroi ficou-se a remirá-lo, mais seduzido e interessado que nunca. Ele sabia ver as horas; tirava-as por palpite, como quem tira a temperatura apenas por contacto. E procurava convencer-se de que nunca se enganava!

A curiosidade espicaçava-o; o mostrador atraia-o. Os ponteiros hirtos, impassíveis, aparentemente indiferentes, cada qual na sua faina, concorriam para o mesmo fim comum: marcar o tempo. E o alegre pimpolho pôs-se a es-





tudar-lhe os movimentos, e a classificá-los por ordem de preferências: o das horas, na sua marcha lenta e grave, enervava-o; parecia ter, sobre os demais, uma autoridade filha de despótica arrogância; o dos minutos tolerava-o; o dos segundos — ah! esse sim!

Esse era dos seus, era o que mais viva simpatia lhe inspirava.

A graça que lhe achava!

A cada palpação, no latejar da sua potência oculta, dava um salto, um saltito de passarinho; e logo outro, e outro e outro; lépidamente, sem dominar sua intranquilidade, lá se ia, feliz e contente, cantarolando à volta do pequeno círculo, o seu refran isocrono: *tic-tac, tic-tac, tic-tac...*

O «meudo» dos segundos, era bem o filho, a criança ajoujada do casal solitário dos ponteiros grandes...

Algum tempo ele se quedou, deliciado, a gozar do espectáculo atraente do mostrador. Contudo, alguma coisa estava agora a intrigá-lo; alguma coisa que a breve trecho se converteu numa obsessão: de que natureza seria aquela força ignota que sentia vibrar interiormente e comunicava aos ponteiros a expressão de vida com que giravam?

Sim; como seria aquilo?

Vacilou. Hesitou. A sua vontade era mais forte. Se a dos homens, é indomável, remove montanhas, e das crianças... abre relógios!

E o caso é que, daí a pouco, via satisfeita a sua curiosidade...

Quando, mais tarde, o nosso herói regressou a casa, do relógio só restavam a caixa e o mostrador onde os ponteiros retorcidos, imóveis, inúteis, davam conta do furacão vandálico de que fora vítima o cobiçado presente de anos.

Nesse dia — pai do céu! — os paternais açoitos referveram-lhe lá no sítio e com tal gana — como a água nos açudes ou os estoiros num arraial...

Ai tens tu, minha filha, porque não quero que atires para a caixa dos teus bonitos, expondo ao risco destruidor dos teus brinquedos, o que resta do velho relógio que teu pai ostentou radiante algum dia — quem sabe? — o mais feliz da sua vida...

Não quero — pobre dele, e de mim... que me recorda o tempo em que eu era como tu! — que faças aos seus despojos, que nada valem, bem sei, o que eu fiz ao maquinismo — ávido de desvendar o seu enigma e aquela força misteriosa que punha no ponteiro dos segundos, à volta do pequeno círculo, saltito de passarinho: *tic-tac, tic-tac, tic-tac...*

Nisto, sem grande demora, tudo ao silêncio volveu, os ladrões foram-se embora mas nela ninguém mexeu.

Era já de manhãzinha, já dia claro, sol nado, quando acordou a velhinha, ao dar que a tinham roubado,

Logo o seu primeiro olhar se dirigiu ao fogão e vendo no seu lugar a caixinha de cartão,

juntou as mãos a rezar num gesto reconhecido e ouviram-na murmurar em tom grave, comovido:



—Tudo quanto me roubaram nada foi, — disse a velhinha, — desde que eles me deixaram a minha rica caixinha.

Para mim que valor tem! o valor da estimação! Pois se ma deu minha mãe quando eu fiz a comunhão.

E numa voz muito baixa a velhinha rematou levando aos lábios a caixa que ternamente beijou:

—Pode ao ladrão perdoar-se se o dinheiro é seu intento, mas não pode desculpar-se ao que rouba um sentimento.

No coração afectivo de quem é sentimental, o valor estimativo tem mais valor que o real.

OS DEFEITOS da LAURINHA

■ POR ANÃO SABICHÃO ■

DESENHOS DE A. CASTANÉ ■

Chamarei Laurinha á menina desta história.

Não lhe dou o seu verdadeiro nome, porque vocês podem conhecê-la agora, como uma menina muito despretenciosa e arranjada, e escuso de a vexar dando a conhecer aos seus amiguinhos, como ela se transformou, dessa maneira!

Porque esta Laurinha era, na verdade, uma grande presumida e, ao mesmo tempo, muito desmazelada.

Parece que uma coisa não diz com a outra, mas o que é certo é que a tal rapariguinha sofria d'esses dois defeitos, tão feios!

E era pena, porque assim que deles se livrou, ninguém, nunca mais, teve nada que lhe dizer!

Mas, antigamente, quando estava no seu quarto, tódo o tempo lhe parecia pouco para se mirar ao espelho; punha em cima de si, mil trapicalhos, arranjava e tornava a arranjar o cabelo e a respeito de arrumar o que desarrumava, nem pensava em tal!

Para isso nunca tinha cinco minutos disponíveis!

Por mais que a mãe ralhasse com ela e lhe mos-



trasse os inconvenientes de tanto desmasêlo, a nosa Laurinha não tomava caminho!

Aconteceu ir passar um tempo a uma quinta na provincia.

Certo dia, de arraial no sítio, contava ela vestir, para ir á festa, um lindo vestido novo de organdi, branquinho, côr de neve.

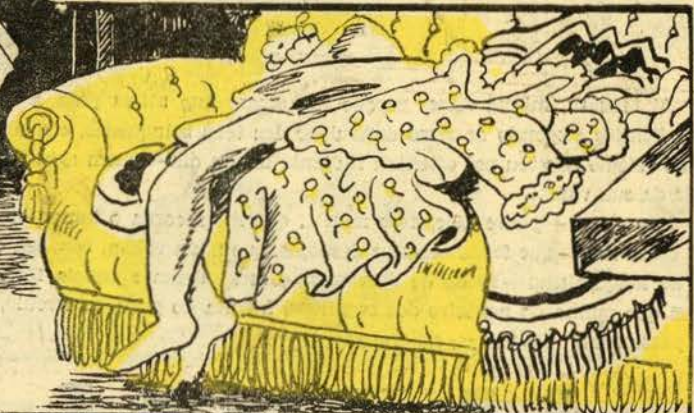
Estava ela, em frente do espelho, dando um ultimo retoque nos folhos da saia, e no cabeção que lhe caía pelos ombros, quando lhe entrou pela porta dentro, a Rosária, a filha do vizinho hortelão, que lhe trazia de presente um cabaz de belas ginja, das primeiras apanhadas no pomar.

E preciso prevenir os meus leitoresinhos de que o vosso amigo Anão andava rondando, sempre farejando uma ocasião propícia, para meter na ordem aquela desordenada!

E onde estava eu metido?

Mesmo dentro do cabaz da Rosária, entre as ginja do pomar.

Desta maneira, conseguira introduzir-me no quarto, para dali manobrar á minha vontade!





Ora os meninos calculam que a Laurinha era, também, um tanto gulosa e que ficou no ar, ao vêr o cabaz das ginjas apetitosas.

Foi logo prová-las, e agradeceu, com muitos beijos á Rosária, o seu belo presente.

Porque lá agradecida e bem educadinha era ela!

Como já lhes disse só aquêles malditos defeitos a tornaram insuportável!

Depois de ter comido umas poucas de ginjas, a Laurinha olhou em roda, atrapalhada.

Tôdos os móveis, cadeiras, mēsa, cómoda, cama, até mesmo os parapeitos das janelas, estavam atravancados de roupa, de escovas, de pentes, de caixas de chapéus, de tudo quanto havia!

Entre essa enorme barafunda, só uma poltrona ela viu devoluta.

Foi para cima dessa poltrona, que a Laurinha atirou o cabaz de ginjas, onde eu estava feito numa bolinha, para passar despercebido.

A pequena ainda deu uma olhadela ao espelho, achou-se muito bonita e safu, então, fechando a porta, com estrondo.

Por lá andou tôdo o santo dia, divertindo-se á grande!

Jantou em casa dumas amigas, que moravam nos arredores e, a altas horas da noite, é que voltou para casa, estafada de tanto correr, tanto pular e tanto dansar.

Subiu logo para o quarto que estava ás escuras.

Tão moída vinha, que nem esperou para acender a luz.

Mas êste Anão é que é como os môchos, -- aposto que os meninos ainda não sabiam desta? —

Tanto me faz que faça dia, como noite, vejo sempre como um lince, e, amigo de fazer partidas, principalmente quando estas servem para emendar certos defeitos, puz-me logo de atalaia.

Que pensam vocês que sucedeu?

Quando a Laurinha se despia a correr, atirou o vestido branco pelo ar, e eu fiz com que êle fôsse parar á cadeira onde estava o cabaz das ginjas.

Quando ela atirou as meias, eu fi-las cair dentro da bacia de água suja, e a linda saia da combinação branca ficou sôbre a mēsa, onde estava um tinteiro aberto.

De manhã é que era ouvir os berros da Laurinha, assarapantada, a chorar pela mãe!

A senhora acudiu e, daí a pouco, a voz dela dizia, muito zangada:

— Se fôsses uma menina arranjada e ouidadosa, já não te sucediam êstes desastres! E o castigo do teu desmasêlo!... Da tua maluquice!... Em que estado está o teu lindo vestido: completamente inutilizado! —

Em frente da janela, examinava, muito desolada, as manchas encarnadas, das ginjas, sôbre o organdi côr de neve, enquanto a Laurinha não tirava os olhos chorosos das nódoas de tinta que emporcalhavam a saía de sêda branca e tirava, de dentro da água suja, as meias novas que ali haviam ficado de môlho. A senhora continuava ralhando:

— Deus queira, minha filha, que te sirva de proveito esta lição! Daqui para o futuro trata de ter o quarto em ordem e tôdas as coisas no seu lugar! —

Ha males que vêm por bens! E êste mal que foi ajudado pelo vosso Anão, convenceu a nossa Laurinha!

Agora tôdas as vezes que vou espreitar o seu quarto, acho-o sempre tão bem arrumadinho que dá gosio vê-lo e até a toleima lhe safu do corpo!

A desmaselada tornou-se arrumada. A toleirona tornou-se simples, e assim, a Laurinha, de agora, cuida mais no arranjo das suas coisas e não tanto na sua pessoa, por isso, se tornou uma menina exemplar.



À PORTA do COLÉGIO

DIALOGO

POR GRACIETTE BRANCO

— «Porque vens tu a chorar?» Quando tu fores mais velho
 — «Tenho negro o coração! inda me has-de agradecer!»
 Acabam de me ralhar
 por não saber a lição!» — «Tens razão! Hei-de estudar,

— «Devias ter estudado! Aprendi hoje contigo!
 Porque não fizeste assim?» Soubeste-me aconselhar.
 — «Fui brincar, para o jardim, Obrigado meu amigo!»
 com o vizinho do lado!»

— «Eu também brinquei. Mas antes, estudei com muito ardor. Seremos uns bons estudantes é tudo o que há de melhor!

Não regeites o conselho dado com tanto prazer.

F
I
M



CONCURSO EPISTOLAR

Organizado por GRACIETTE BRANCO

Meus amiguinhos:— Estou, verdadeiramente, encantada e enternecida, em face da extraordinária afluência de cartas que tenho recebido e pela forma inteligente e digna com que todos os meus queridos afilhados souberam corresponder à iniciativa, que tomei, deste concurso.

Têm sido tão numerosas essas cartas que se me torna impossível, por falta de espaço, con-

tinuar acusando a recepção de todas. Perdõem. Tenham, porém, a certeza de que nenhuma deixará de ser lida com toda a atenção e de que o respectivo júri, de que farei parte, não deixará de prestar justiça aos seus signatários.

Até lá, abraça-os, comovidamente, a todos, a vossa amiga e «madrinha».

GRACIETTE

O CESTINHO da COSTURA

POR ABELHA MESTRA

Querida Rosalina

Fará esta pequenina holandêsa
bôa figura no teu trabalhinho?

Com o seu traço tão alegre, vai
ser divertido bordá-la!

Repara bem como ela parece
estar embaraçada com a sua meia!

Tem cuidado com o traço da
boca para não lhe mudares a
expressão.

Borda o saiote, a touca e a meia
que ela trabalha, em azul.

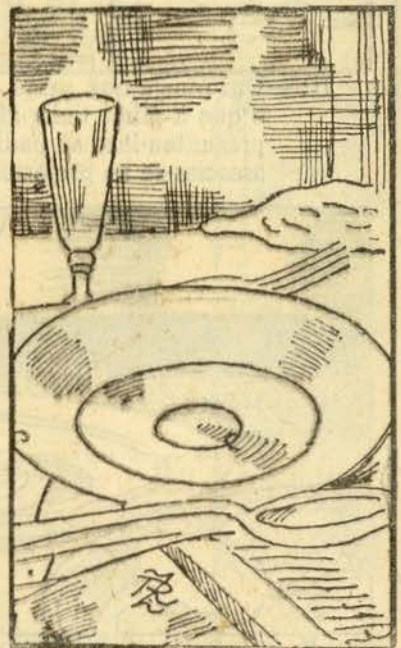
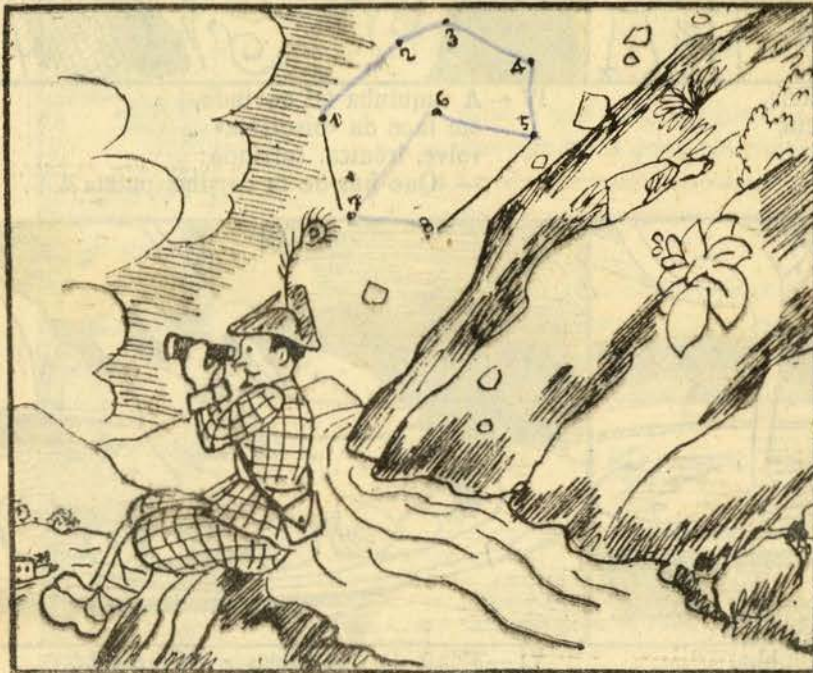
O coletinho em prêto. Avental
encarnado. Cara, braços e mãos
em côr de carne. Sócos amarelos,
O banco castanho e a folhagem
verde.

Abraço-te a

Abelha Mestreira



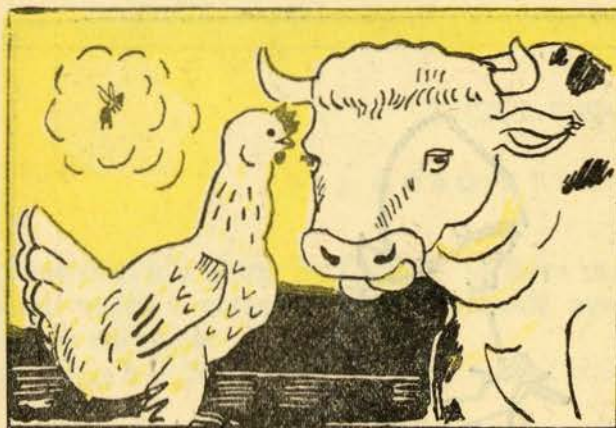
PROBLEMA • A DIVINHA A DIVINHA



Este turista, a-pesar da sua atitude tranqüilla, está numa situação muito crítica. Vejam se descobrem porque motivo.

Meus meninos: — Vejam se conseguem saber o que vai ser comido neste prato.

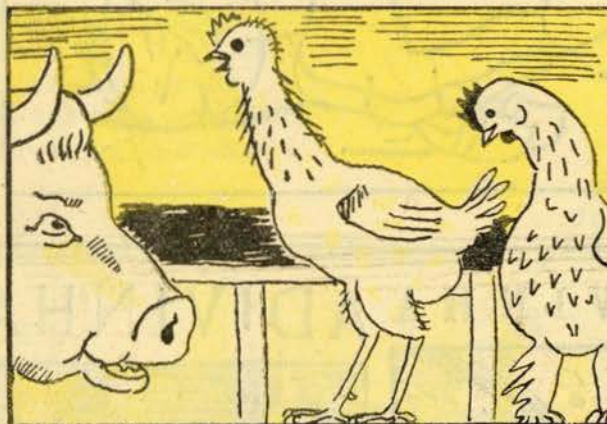
Animais, nossos amigos



I — Certa vez se reuniram a Vaca, a Abelha e, a Galinha, combinando o que dariam de presente à Mimizinha.



II — Pois a Mimi, nesse dia, — (era, de todas as eras, a mais formosa!) — fazia suas quinze primaveras.



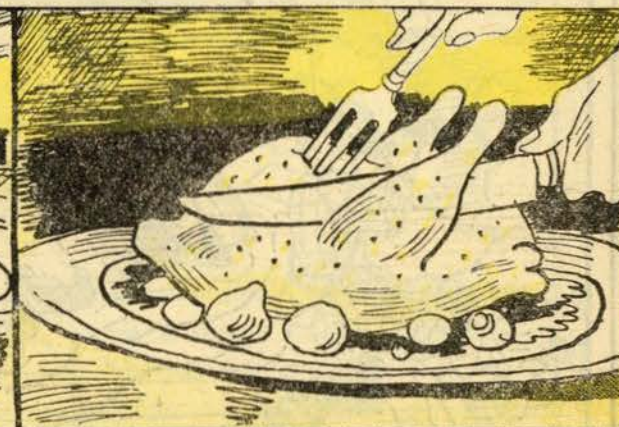
III — Um trango que perto havia, e que à Mimi tinha afecto, perguntou-lhes se podia associar-se ao projecto.



IV — A vaquinha tal ouvindo, em face da «bispirêta» volve, irónica, sorrindo: — «Que hás-de tu dar-lhe, pateta?!...»



V — Da-lhe o seu mel a Abelhinha, eu leite posso ofertar-lhe, seus ovos tia Galinha, mas tu que tens para dar-lhe?!»



VI — «Mais do que julgas!» diz-lhe esta, deixando a Vaca descrente; até que, a meio da festa, surge o seu belo presente!